

ESCOLA _____ DATA: ____ / ____ / ____

PROF: _____ TURMA: _____

NOME: _____

Leia:

Visita

Sobre a minha mesa, na redação do jornal, encontrei-o, numa tarde quente de verão. É um inseto que parece um aeroplano de quatro asas translúcidas e gosta de sobrevoar os açudes, os córregos e as poças de água.

É um bicho do mato e não da cidade. Mas que fazia ali, sobre a minha mesa, em pleno coração da metrópole? Parecia morto, mas notei que movia nervosamente as estranhas e minúsculas mandíbulas. Estava morrendo de sede, talvez pudesse salvá-lo. Peguei-o pelas asas e levei-o até o banheiro. Depois de acomodá-lo a um canto da pia, molhei a mão e deixei que a água pingasse sobre a sua cabeça e suas asas. Permaneceu imóvel. É, não tem mais jeito — pensei comigo. Mas eis que ele se estremece todo e move a boca molhada. A água tinha escorrido toda, era preciso arranjar um meio de mantê-la ao seu alcance sem, contudo, afogá-lo. A outra pia talvez desse mais jeito. Transferi-o para lá, acomodei-o e voltei para a redação.

Mas a memória tomara outro rumo. Lá na minha terra, nosso grupo de meninos chamava esse bicho de macaquinho voador e era diversão nossa caçá-los, amarrá-los com uma linha e deixá-los voar acima de nossa cabeça. Lembrava também do açude, na fazenda, onde eles apareciam em formação de esquadrilha e pousavam na água escura. Mas que diabo fazia na avenida Rio Branco esse macaquinho voador? Teria ele voado do Coroatá até aqui, só para me encontrar? Seria ele uma estranha mensagem da natureza a este deserto?

Voltei ao banheiro e em tempo de evitar que o servente o matasse. “Não faça isso com o coitado!” “Coitado nada, esse bicho deve causar doença!”.

Tomei-o da mão do homem e o pus de novo na pia. O homem ficou espantado e saiu, sem saber que laços de afeição e história me ligavam àquele estranho ser. Ajeitei-o, dei-lhe água e voltei ao trabalho. Mas o tempo urgia, textos, notícias, telefonemas, fui para casa sem me lembrar mais dele.

GULLAR, Ferreira. “O menino e o arco-íris e outras crônicas”. Para gostar de ler, 31. São Paulo: Ática, 2001. p. 88-8.

Questão 1 – O texto acima é:

- () um conto.
- () uma crônica.
- () uma reportagem.

Questão 2 – No segmento “[...] gosta de sobrevoar os açudes, os córregos e as poças de água.”, o narrador expõe:

- () um hábito do inseto.
- () uma opinião sobre o inseto.
- () uma hipótese sobre o inseto.

Questão 3 – Na parte “Parecia morto, mas notei que movia nervosamente as estranhas e minúsculas mandíbulas.”, a palavra destacada exprime uma circunstância de:

- () lugar.
- () modo.
- () intensidade.

Questão 4 – Sublinhe a seguir a expressão que estabelece entre os fatos uma relação de tempo:

“Depois de acomodá-lo a um canto da pia, molhei a mão e deixei que a água pingasse [...]”

Questão 5 – O narrador remonta à própria infância no trecho:

- () “Peguei-o pelas asas e levei-o até o banheiro.”
- () “Lá na minha terra, nosso grupo de meninos chamava esse bicho de macaquinho [...]”
- () “Mas o tempo urgia, textos, notícias, telefonemas, fui para casa sem me lembrar mais dele.”

Questão 6 – Em “Transferi-o para lá, acomodei-o e voltei para a redação.”, os termos grifados:

- () foram empregados para retomar.
- () foram empregados para caracterizar.
- () foram empregados para complementar.

Questão 7 – Na passagem “[...] onde eles apareciam em formação de esquadrilha e pousavam na água escura.”, o vocábulo “onde” aponta para um lugar. Assinale-o:

- () “o açude, na fazenda”.
- () “a avenida Rio Branco”.
- () “Coroatá”.

Questão 8 – Identifique o fato que, segundo o narrador, fez com que ele fosse para casa, esquecendo-se do bicho:

- () “Tomei-o da mão do homem e o pus de novo na pia.”
- () “Ajeitei-o, dei-lhe água e voltei ao trabalho.”
- () “[...] o tempo urgia, textos, notícias, telefonemas [...]”.